

# A CENTENÁRIA E SEMPRE JOVEM **IRACEMA**

EDIGAR DE ALENCAR

Três romances conseguem no Brasil o maior índice de popularidade, atingindo as camadas letradas ou as simplesmente leadoras: *A Moreninha*; *O Guarani*, e *Iracema*. Singularmente, dois são de Alencar, a maior vocação de romancista que teremos possuído. Note-se que, pelo menos em *Iracema*, o escritor cearense não buscou essa popularidade, embora sua narração linear e clara e a visualidade das suas imagens. *Iracema*, antes poema do que romance, mais égloga do que estória, não faz concessões ao grande público. Carregado de símbolos e de imagens, poder-se-ia até dizer que o livro fôra escrito para o leitor acima do médio, tais a delicadeza das suas cenas e o requinte estilístico das suas páginas.

Mas, *Iracema* completa agora cem anos e continua a ser talvez o livro mais divulgado no Brasil. Impossível será hoje proceder-se a um levantamento das edições da lenda cearense que chegarão a centenas. Tiragens de todos os feitios. Legais e clandestinas. Pequenas, minúsculas, grandes, completas com prefácios e posfácios, com notas e sem notas, e, infelizmente, até adulteradas, mutiladas e sacrificadas na sua pureza e autenticidade. Vão das luxuosas ilustradas, às popularíssimas, exibidas nos mercados, nos vendedores ambulantes

e engraxates, em meio à pitoresca literatura de cordel a que se incorporou.

José de Alencar foi um criador de tipos, notadamente femininos. Mas nenhuma das suas criações supera a figura lendária de Iracema, a formosa tabajara. Seria curioso anotar-se, cem anos depois do aparecimento do romance-poema, as Iracemas registradas no Brasil. O doce e sugestivo nome inventado pelo romancista, no qual Afrânio Peixoto, talvez com excessiva imaginação mas com inegável argúcia, vislumbrou o anagrama da América, espalhou-se pelo País de norte a sul. Há Iracemas louras, morenas, ruivas e escuras por toda a parte. Da Amazônia aos extremos sulistas. Aliás, Alencar não é apenas o pai de todas essas Iracemas e Cecis e de todos os Peris, Ubirajaras e Ubiratans que por aí florescem. Emprestou o seu sobrenome que passou a vulgarizar-se, juntado aos nomes de seus heróis e heroínas e adotado como pseudônimo ou mesmo como nome de batismo. No Brasil não faltam jamais Alencares de fantasia que chegam a fazer esquecidos totalmente os nomes verdadeiros. Quantos Peris de Alencar, Cecis de Alencar, Iracemas de Alencar? Não esquecendo que a grande atriz brasileira Ida Kerber, oriunda do Rio Grande do Sul, se tornou famosa na cena brasileira com o apelido bonito de Iracema de Alencar que lhe foi dado em concurso, no início da sua promissora carreira artística.

Quando em 1865 José de Alencar publica *Iracema*, já se consagrara romancista. Desejava então voltar-se para a terra onde nascera e da qual se exilara môço, cumprindo o destino comum aos filhos da gleba que êle mesmo fixara no capítulo final do romance. Foi o retôrno à terra natal que lhe espicçou a imaginação ardente e lhe acordou saudades da infância descuidada. *Iracema* é assim uma obra de sentimento, de ternura e amor. Daí sua força e perenidade.

O livro resistiu à fúria iconoclasta dos críticos de então que o procuraram destruir, agarrados ao pretexto da inverdade histórica. À falta de outro argumento, censuravam no romancista justamente a qualidade mais cotada no ficcionista: o poder de imaginação. Porque o escritor do Ceará

fugia à chatice do romance histórico e dava asas ao seu formidável ímpeto criador, foi seteado por analistas daqui e de além-fronteiras. Alencar sofria as arremetidas de críticos por se mostrar talentoso em excesso, imaginoso em demasia. Seu estupendo poder verbal, sua imaginação tropical não se poderiam coadunar com a bitola estreita do romance histórico, geralmente massudo e maçante. O paisagismo bem brasileiro, exuberante de Alencar, ao contrário das invectivas que então lhe atiravam, era justamente uma das forças desse terrível e fascinante engabelador literário, que ainda hoje, apesar de tôdas as resistências que lhe oponhamos, acaba nos dominando por inteiro, escravizando-nos à sua narrativa e fazendo-nos crentes de tôda aquela fantasmagoria vigorosamente pintada, seja em *As Minas de Prata*, no *O Guarani*, ou em *Iracema*.

O colorista épico de *O Guarani* e o até hoje inatingido idilista de *Iracema* não teve, sabemos todos, ao seu tempo, a crítica merecida. Negaram-lhe, e até o vilipendiaram. Reagiu sempre e é possível que essa restrição, que tanto lhe amargurara os dias, de certo modo lhe tenha estimulado os brios e a inteligência. Teve, em compensação, a glorificação de Machado de Assis, por sinal que o escritor de tipo antialencar, que, genialmente, um ano após o aparecimento de *Iracema*, fazia a previsão admirável: "Poema lhe chamamos a êste, sem curar de saber se é antes uma lenda, se um romance: o futuro chamar-lhe-á obra-prima."

E ainda agora, quando o romance moderno ganha novos ângulos e outras técnicas o marcam e até por vêzes o desfiguram, *Iracema* é um livro de força e projeção. Ninguém o lerá sem redobrado interêsse. Sua glorificação neste centenário nada mais é do que o justo reflexo da consagração do público. Leitor e crítico. Massas e elites o distinguem em nossos dias como um dos maiores livros da literatura nacional!

No norte do País, *Iracema* é uma espécie de catecismo profano. São milhares as criaturas que lhe recitam trechos diversos ou capítulos inteircs. Caiu de há muito no domínio folclórico. No Ceará foi, aos meus tempos de menino, livro

didático para o ensino médio de português. Enquanto Alencar fôra agredido como corruptor da língua, na província em que nascera, suas louçanias de estilo eram patenteadas por professôres e alunos. Qual o cearense que não recorda os períodos mais incisivos do romance-lenda? E qual o brasileiro alfabetizado que já não se referiu à “terra de Iracema”, à “virgem dos lábios de mel”, aos “verdes mares bravios”, à “asa da graúna”, ao “canto da jandaia”, às “alvas praias ensombradas de coqueiros”? São expressões que Alencar fixou e o povo tornou lugares-comuns. Mesmo os que nunca o leram, como no sonêto de Manuel Bandeira:

*Fitando a vastidão magnífica do mar,  
Que ressalta e reluz: — “Verdes mares bravios . . .”  
Cita um sujeito que não leu, nunca, Alencar.*

Os que ainda hoje fazem caretas ao romancista, tocados daquele “robervalismo” a que se refere Augusto Meyer, ou são escravos de um realismo que não permite os floreios da inspiração ou se encontram carecidos de tôda e qualquer intuição de perspectiva. É ainda o lúcido ensaísta de *A Chave e a Máscara* quem afirma: “Não saber adaptar-se à perspectiva ideal que uma obra exige para ser bem contemplada, parece-me um dos pecados mortais da crítica.”

Fato é que o grande colorista do romance tem resistido a tôdas as revisões. Cem anos passados, suas estórias, mesmo as mais românticas e de menor valor, continuam não sòmente a ser editadas, o que é importante, mas também a ser lidas, o que é singular. Isso numa época em que os romances quase já nada contam e via de regra são despojados de quaisquer apuros estilísticos. Quando um livro como *As Minas de Prata* daria não um romance, mas uma ou duas dezenas dêles.

“Escritor de gênio, homem completamente grande” é como o classifica Gilberto Amado, em obra de atualidade. E o ensaísta Eugênio Gomes, de tanta agilidade crítica e segurança, ao proclamar *Iracema* obra-prima, considera o seu autor “criador de uma mitologia nova, que já embalou e há de embalar as gerações brasileiras, indefinidamente”.

Gilberto Freyre ressalta em Alencar não apenas o literato convencional, mas o “crítico social, renovador das letras e reformador da língua literária do País”.

Agrippino Grieco cede aos seus impulsos demolidores de sarcasta impenitente e asserena-se diante da imaginação poética do romancista para sentenciar: “Só se pode progredir, regressando a José de Alencar.”

*Iracema* não teve apenas a glorificação de cultos e letrados. O povo a consagrou, relendo-a sempre ou conservando de cor seus trechos mais belos. Tal a sua sugestão poética, que alguns capítulos têm sido encaixados em antologias poéticas. No Ceará houve mesmo quem a transplantasse para versos rimados, se não me engano o Sr. Francisco Salgado (Franz Salgado). E um poeta do povo, das portas de igrejas e mercados e feiras nordestinas, o saudoso João Martins de Athayde, também trouxe o seu quinhão de glorificação do poema alencariano, transplantando-o para a literatura de cordel, no folheto em sextilhas, intitulado *Romance de Iracema, a Virgem dos Lábios de Mel* (1948).

É que a lenda do Ceará não é apenas uma estória bonita e bem contada, mas um livro escrito com o coração, em ritmo de cantiga de embalo. Em nenhum dos seus demais romances, Alencar terá sido mais poético e mais sedutor.

Xavier Marques observa que se o romancista de *Iracema* não houvesse encontrado o romantismo já dominante na Europa, seria capaz de inventá-lo. E na verdade tudo que se pode contraditar na obra alencariana serão os excessos de imaginação, a capacidade de transfiguração do fato histórico a que as suas excepcionais facultadas criadoras não se poderiam sujeitar. Foi o grande escritor um mago, um feiticeiro, a extrair dos fatos, dos acontecimentos mais banais, a essência romântica, o filtro embriagador dos leitores que se deixavam jungir ao fascínio da narração viva e surpreendente.

Volvidos cem anos, *Iracema* continua hoje como ontem, a marejar os olhos das mulheres e a despertar emoções e saudades no coração dos homens. Haverá maior consagração para um livro?